

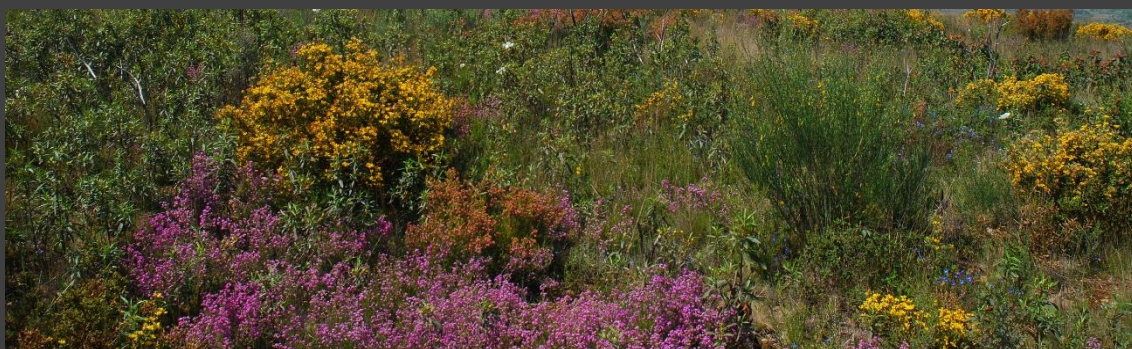


ASSOCIAÇÃO DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL ESTRELA-SUL



HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS ECOSSISTEMAS E PAISAGENS INDUSTRIAIS NAS COMUNIDADES LOCAIS

Estudos



Março de 2022



PÁGINA EM BRANCO

Projeto cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

PÁGINA EM BRANCO

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
ESTUDO PATRIMONIAL.....	7
PATRIMÓNIO CULTURAL EDIFICADO E PATRIMÓNIO IMATERIAL	7
PATRIMÓNIO NATURAL E PAISAGÍSTICO	15
ETNOBOTÂNICA.....	18
VALORIZAÇÃO DA FLORA REGIONAL E NOVAS ATIVIDADES RELACIONADAS COM O PATRIMÓNIO NATURAL E A AGRICULTURA	20
Medronheiro (<i>Arbutus unedo</i>).....	20
Óleos essenciais.....	21
Cultivo experimental de <i>Gentiana lutea</i>	21
Cultivo de azevinho (<i>Ilex aquifolium</i>)	22
Criação de um mel DOP Estrela-sul	22
Reforço da presença de sobreiros	22
Cultura do milho em lameiros	22
Novos produtos.....	23
Observação e fotografia de aves	23
PATRIMÓNIO IMATERIAL.....	24
Bombos e outras manifestações musicais	24
Mineração	25
Saber-fazer	26
Tecelagem artesanal	28
ESTUDO ESTRATÉGICO - OPORTUNIDADES DE FINANCIAMENTO	29
PROGRAMA TRANSFORMAR TURISMO - TURISMO DE PORTUGAL	29
PROGRAMA OPERACIONAL CENTRO 2030	30
PROGRAMA DE COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA ESPANHA PORTUGAL POCTEP	31
IAPMEI	32
FUNDO AMBIENTAL	32
PDR – PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL DO CONTINENTE	33
PRR – PLANO DE RECUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA	34
RECOMENDAÇÕES E PROPOSTAS DE ESTRATÉGIAS A ADOTAR	35
AUTORIAS E COLABORAÇÕES:	38
AGRADECIMENTOS:	38

INTRODUÇÃO

O presente documento constitui uma parte da compilação das atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “História e Memória dos Ecossistemas e Paisagens Industriais nas Comunidades Locais”, trata-se respetivamente do Estudo Patrimonial e o Estudo Estratégico – Oportunidades de Financiamento, bem como um conjunto de recomendações para a consolidação da marca W74 – Terras do Volfrâmio e, ainda, propostas para uma segunda fase de trabalhos.

As contingências motivadas pela pandemia de COVID 19 implicaram uma maior duração do trabalho, inicialmente previsto para cerca de sete meses, mas que acabou por se prolongar por um ano. Apesar das limitações, registadas sobretudo ao nível dos contactos locais diretos com diferentes atores e agentes económicos, foi possível estabelecer uma primeira rede colaborativa que constituirá a base para futuras ações de promoção e valorização do território da ADERES.

ESTUDO PATRIMONIAL

PATRIMÓNIO CULTURAL EDIFICADO E PATRIMÓNIO IMATERIAL

No território da ADERES as referências a sítios e monumentos relativos a património arquitetónico e arqueológico são relativamente escassas. De facto, na base de dados da DGPC – Ministério da Cultura <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/> surgem apenas as seguintes referências relativas a imóveis e sítios classificados, ou em vias de classificação:

Freguesia	Tipologia	Localização	Cronologia
Casegas	Capela	Casegas	Construção de 1759
Cortes do Meio	Quinta	Covão do Teixo – Penhas da Saúde	Arquitetura modernista, conjunto paisagístico notável
Erada	Capela	Erada	Anterior a 1761
Paul	Ponte	Paul	Ponte medieval, edificada nos séculos XIII-XIV sobre a ribeira do Paul
Paul	Igreja	Paul	Primeira referência local de 1260

No PDM do Fundão existe uma referência à proposta de classificação de um edifício senhorial em Silves, denominado Casa Fabião – Outeiro.

No domínio do património arqueológico existem duas referências bem conhecidas, o Cabeço da Argemela, povoado pré-histórico, provavelmente ocupado até à romanização, de onde se recolheram diversos objetos relacionados com a mineração e a metalurgia, alguns dos quais fazem parte da exposição permanente do Museu de Arqueologia do Fundão. A outra ocorrência são as gravuras rupestres da Barroca, localizadas em rochas no leito do rio Zêzere.

O primeiro sítio não possui qualquer tipo de interpretação no local; o segundo possui um centro interpretativo localizado no centro da localidade, gerido pelas Aldeias de Xisto e inserido numa rota temática relativa a gravuras rupestres na área das Aldeias de Xisto, faltando, no entanto, sinalética e interpretação nos locais das ocorrências.

Existem várias referências no Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco) a achados arqueológicos na área do território da ADERES, nomeadamente:

- 2 machados da freguesia de Ourondo;
- 1 machado de talão e duas argolas da freguesia de Paul;
- 5 fragmentos de machado da freguesia de Unhais da Serra;
- 2 machados da freguesia de Unhais da Serra.

Apesar desta escassez de elementos em bases de referências, julgamos que o território da ADERES tem uma série de elementos notáveis, alguns já identificados no âmbito do W74, mas cuja inventariação deve prosseguir, quer por questões de salvaguarda, quer para a sua eventual valorização, através de requalificação. Ao nível da arquitetura e construção vernacular temos a considerar os seguintes elementos e conjuntos:

Habitações tradicionais – neste domínio surgem exemplos em que apenas se emprega o xisto, ou o xisto e o granito, estando disseminados um pouco por todas as localidades. Destacam-se os exemplos do “tipo Paul” de dois a três pisos, com varandas em madeira.

Graças à dinâmica das Aldeias de Xisto ocorreram uma série de recuperações de edificações com estas características, particularmente em Janeiro de Cima, Sobral de S. Miguel e Barroca, mas não só. Muitas destas construções empregam os calhaus rolados de granito e quartzito (presentes também em muros) que constituem uma marca identitária regional. Salvo os exemplos mencionados, o edificado desta natureza encontra-se algo degradado, devendo ser a sua recuperação incentivada, também para salientar a referida identidade regional que, sendo diferenciadora, pode constituir uma mais valia precisamente devido à sua singularidade.

Foram identificados alguns exemplos e núcleos particularmente interessantes, na Barroca, Bogas de Cima, Casegas, Erada, Janeiro de Cima, Paul, Peso, e Sobral de S. Miguel.

Edificações “utilitárias” – Tratam-se maioritariamente de edificações em pedra, de diferentes tipologias, erigidas em épocas anteriores a meados do século XX, antes da vulgarização do emprego do tijolo e betão. Incluímos aqui lagares, moinhos, palheiros, cortes e fábricas de lanifícios, de volumetrias bastante distintas, mas normalmente de boas características construtivas, ainda que na sua grande maioria se encontrem em mau estado de conservação. Estas tipologias estão disseminadas por todo o território.

Os moinhos são de dois tipos, os de rodízio, de pequenas dimensões em cursos de água com desníveis algo acentuados, presentes em praticamente todos os ribeiros e ribeiras do território da ADERES, mas com especial representatividade nas freguesias de Cortes do Meio, Unhais da Serra e Paul, e os do Zêzere, no leito do próprio rio, de maiores dimensões, construídos em pedra, mas forrados com argamassa. São estruturas preparadas para a submersão total ou parcial, existindo exemplos inventariados na base do Cabeço do Pião, Barroca do Zêzere e Janeiro de Cima.

Os lagares de azeite contam também com grande representatividade, estando presentes em praticamente todas as freguesias. Maioritariamente movidos a água, através de rodas do tipo azenha, tinham por vezes associado também o sistema de prensa por vara, como no caso do lagar da Erada, recentemente recuperado pela Junta de Freguesia. A sua volumetria é bastante variável, havendo exemplos de alguns de grande dimensão, como em Cortes do Meio, ou o lagar do Paul, junto à ponte, onde subsistem ainda duas rodas hidráulicas.

Estão inventariados outros lagares igualmente interessantes em Casegas, no Barco e na Barroca.

Palheiros e cortes; tratam-se de construções isoladas, por norma junto a parcelas cultivadas, em socacos ou aluviões, os primeiros normalmente de dois pisos, servindo o piso superior de habitação temporária ou esporádica, cuja utilização estava relacionada com os ciclos agrícolas de determinadas culturas (milho, olival). Embora em alguns casos persista a sua utilização, existem muitos casos de abandono.

Ainda relacionados com usos agro-pastoris, existem abrigos de pastores em pedra, alguns mais elaborados, dotados de porta e janela, outros mais rústicos, onde mal cabe uma pessoa. Estes exemplos encontram-se nas áreas montanas, como as Penhas da Saúde e o Covão do Ferro.

Finalmente as fábricas de lanifícios, representadas em Unhais da Serra, Taliscas e Cortes do Meio (esta última aparentando que a construção nunca chegou a ser

terminada). Estes exemplos encontram-se na sua maioria em mau estado de conservação e, no caso das Taliscas, parcialmente em ruínas.



Figura 1 – Antiga fábrica de lanifícios nas Taliscas.

Pensamos que algumas destas “edificações utilitárias” podem ter grande interesse para a sua transformação em alojamentos turísticos de “baixo impacto”, sem alterações à sua volumetria e tecnologia construtiva, nomeadamente as que se encontram na proximidade de cursos de água com possibilidade de aproveitamento balnear, ou ao longo de percursos pedestres sinalizados. O recurso à utilização de latrinas secas, e a energia solar, contribuem para o conceito de “baixo impacto”, imprescindível para este tipo de aproveitamento, destinado sobretudo a caminhantes e adeptos do turismo de natureza.

Muros, muros apiários, “calços”, socalcos e minas de água - estes elementos (e também calçadas), são verdadeiramente estruturantes de uma boa parte da paisagem do território Estrela Sul. São testemunhos particularmente eloquentes do trabalho e saber fazer de muitas gerações. Trata-se daquilo a que podemos chamar de “pequeno património”, mas cuja importância cultural e pedagógica é de grande relevo, também muitas vezes como exemplo de utilização sustentável de meios e recursos.



Figura 2 – Muro em pedra solta, provavelmente de proteção a antigos campos de cultivo de centeio (Unhais da Serra).

As suas épocas de construção serão muito variadas, mas há certamente exemplos cujo levantamento recuará, talvez, a períodos correspondentes ainda à Primeira Dinastia.

Neste conjunto, pela sua singularidade, os “calços” ou “fortes” merecem um destaque muito particular. Tratam-se de estruturas em pedra, perpendiculares ao leito do Zêzere que podem atingir os 4 a 5 metros de altura máxima e 3 metros de largura. O método construtivo consistia na criação de alicerces de pedra e estacaria junto ao rio, com blocos de pedra sucessivamente menores em altura, e à medida que iam recuando e acompanhando a cota do terreno.

A existência de terra nos interstícios dos blocos de pedra possibilita a fixação de vegetação herbácea e arbustiva, por vezes mesmo de árvores da flora ripícola, facto que contribui para reforçar a própria estrutura, tornando os “calços” um notável exemplo de “engenharia natural”.

Por vezes ao calço associavam-se rodas hidráulicas movidas por força humana, que retirando a água do rio, a encaminhavam por caleiras no topo do calço até aos terrenos agrícolas em cotas acima do nível do rio.

Desta forma os calços assumem múltiplas funções, nomeadamente: defesa das margens através da quebra do ímpeto das águas, retenção de sedimentos e lodos ricos em nutrientes naturais, condução da água para irrigação e limitação de parcelas fundiárias.

Também neste caso podemos falar de uma marca identitária do território da ADERES ligado ao rio Zêzere, que julgamos que até agora não lhe tem sido dada a devida atenção em termos da sua divulgação, valorização e estudo.

Relativamente aos socacos o seu interesse paisagístico é por demais evidente, porém considerando que existem muitas áreas abandonadas, algumas delas que, pela proliferação da vegetação, já nem sequer são perceptíveis; haveria toda a vantagem em apostar na sua requalificação, quer para as culturas tradicionais (olival, hortícolas) quer para uma série de novas culturas / utilizações (medronheiros e azevinhos).

A hidráulica agrícola presente nas levadas e nas minas de água e sistemas para a sua condução a jusante, assumem em alguns casos também grande interesse, quer pela sua extensão quer pelas soluções construtivas adotadas.

Finalmente uma referência aos muros de limite de parcelas fundiárias, frequentemente ladeando antigos caminhos rurais, cuja origem em algumas situações estará muito relacionada com a proteção dos campos agrícolas face à passagem do gado, seja em movimentos anuais de transumância, seja em movimentos locais, entre terras baixas e cumeadas. Ainda no capítulo dos muros, os chamados muros apiários, sobretudo na área de Janeiro / Bogas, merecem uma atenção e estudo mais aprofundado no sentido de avaliar se, como em outras regiões relativamente próximas, a sua origem estará relacionada com a presença do urso num passado remoto.

Habitações de características “senhoriais” – tratam-se de edificações em pedra, de volumetria maior que as do edificado envolvente, com trabalhos de cantaria bastante mais ricos e cuidados. Existem dois exemplos inventariados, a Casa Grande da Barroca, e a casa Redonda em Bogas, mas certamente existirão mais que importa inventariar em fases seguintes.

Chalés – estas construções de modelos importados estão muito associadas às estâncias termais e de lazer, existentes no território Estrela Sul, a saber Unhais da Serra e Penhas da Saúde. A sua época de construção data sobretudo das primeiras décadas do século XX. Em Unhais a sua existência radica exclusivamente no

termalismo, que terá conhecido o seu auge entre a década de 50 e 60, assistindo-se em anos recentes a um novo interesse geral pelos recursos, e pelo turismo termal, facto que motivou a construção de um estabelecimento hoteleiro e spa em Unhais, que constitui uma referência à escala nacional.

Já o caso das Penhas da Saúde é algo diferente. Na cartografia de finais do século XIX nem as edificações, nem o próprio topónimo eram assinalados. Factos que indiciam, muito provavelmente, a inexistência do local como “área social” ou “área construída”. A sua origem estará ligada à permanência na montanha como terapêutica para o tratamento da tuberculose, cuja difusão ocorre através de Sousa Martins, após a Expedição Científica à Serra da Estrela. Porém após essa data, e mesmo após o surgimento de terapêuticas mais eficazes, nomeadamente os antibióticos, vai-se assistindo a uma ocupação do sítio como local de lazer, sobretudo por parte de uma classe média próspera da Covilhã.

Essa característica de “estância de montanha”, perdura até hoje, mantendo-se alguns dos chalés originais, mas também bons exemplos de arquitetura modernista dos anos 60 e 70, além de arquitetura contemporânea. Esta mescla de construções, a envolvente imediata e os largos horizontes, conferem uma atmosfera muito particular às Penhas da Saúde.

Pontualmente, noutras localidades, surgem também exemplos desta tipologia de construção, nomeadamente no Paul e em Cortes do Meio, cuja origem estará em famílias de raízes, ou mentalidades, algo cosmopolitas.

Instalações industriais e Património Industrial - Grande parte das instalações industriais existentes no território Estrela Sul estão estreitamente ligadas à atividade mineira, e muito particularmente ao Couto Mineiro da Panasqueira.

O único exemplo de outra indústria em grande escala está relacionado com os lanifícios, e é constituído pela empresa Penteadora, de Unhais da Serra, cuja instalação data de 1930 e que rapidamente se transformou numa das principais empresas da chamada Corda dos Lanifícios da Serra da Estrela, tendo chegado a contar com centenas de operários, e que se encontra ainda em plena laboração.

O seu historial, a área que ocupa, e a existência de quatro centrais hidroelétricas próprias, designadamente Covão do Ferro, Pedra Figueira, Alforfa e Coucinhos, constituem um património industrial de elevado interesse, mas a que a empresa não tem dado o devido relevo. Apesar da nossa insistência não foi possível estabelecer contacto com a Administração, no sentido de procurar algum tipo de colaboração ou parceria com o W74.

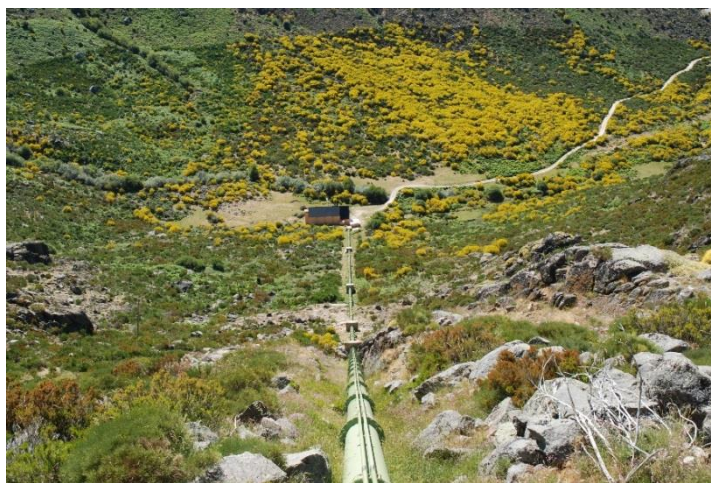


Figura 3 – Conduita e central do Covão do Ferro (Unhais da Serra).

No que toca ao património industrial ligado à mineração, temos a considerar várias realidades; desde logo, pela sua dimensão e expressão no território, o Couto Mineiro da Panasqueira, e o facto de aí existir uma área e equipamentos em utilização permanente, com toda uma realidade operativa e social a ela inerente (Barroca Grande), e por outro lado, áreas e equipamentos inativos, adjacentes a essa mesma zona de exploração, e a dois sítios em que as operações extrativas já se não realizam (Panasqueira e Cabeço do Pião).

Em qualquer dos casos vamos encontrar uma série de instalações devolutas de tipologias e funções muito variadas, normalmente de fraca qualidade construtiva, mas muito expressivas como memória da atividade mineira. Sendo de considerar como elementos mais notórios o teleférico Barroca Grande – Cabeço do Pião, as lavarias e armazéns adjacentes do Cabeço do Pião, e os bairros mineiros (Barroca Grande, Panasqueira e Cabeço do Pião).



Figura 4 – Escombreira da Barroca Grande.

As escombreiras e as galerias abandonadas são também elementos de grande importância como testemunhos da atividade, pois a monumentalidade visível das primeiras e a intrincada, e invisível, rede das segundas, contribuem para a criação de uma paisagem ímpar.

A valorização destas estruturas na área do Couto Mineiro e a sua recuperação com vista à reutilização, é um tema extremamente complexo, sendo necessária uma abordagem integrada com a participação de diferentes entidades, eventualmente através de uma parceria formal, protocolo ou outra qualquer entidade com personalidade jurídica que integrasse os seguintes sectores da sociedade:



Juntas de Freguesia

Universidade da Beira Interior

Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vários passos têm sido já dados nesse sentido, o mais importante será talvez a criação do futuro Centro Interpretativo Mineiro da Barroca Grande que irá acolher o riquíssimo espólio existente no atual Museu Mineiro “Terra do Volfrâmio” da Barroca Grande, e diversos equipamentos dispersos nas proximidades. O facto deste espaço museológico se vir a situar no coração da área industrial ativa, enquadrada pela escombreira, tapetes rolantes, ruídos de maquinaria, torres e bairro mineiro, cria um ambiente especialmente interessante para um espaço expositivo desta natureza, que terá certamente a capacidade de atrair muitos visitantes.

No entanto a grande questão permanece em aberto, como reutilizar o restante edificado? As respostas talvez possam ser encontradas junto das Universidades, eventualmente através da criação de Campus virados para a investigação, projetos piloto e incubação de empresas. Várias temáticas podem ser desenvolvidas, da agricultura à arte e às indústrias criativas. A instalação destas atividades e serviços necessita de apoios locais, sobretudo ao nível do alojamento, seja permanente seja temporário, situação que poderia ser colmatada através da reabilitação de habitações nos diferentes bairros mineiros.



Figura 5 – Bairro mineiro da Barroca Grande.

Em qualquer circunstância todas essas áreas urbano-industriais requerem, após uma reflexão quanto às suas reutilizações, Planos de Pormenor que ordenem convenientemente essas mesmas áreas.

Ainda no Couto Mineiro, mas fora dos núcleos urbano-industriais atrás referidos, vamos encontrar pontualmente algumas construções em granito, possivelmente depósitos de materiais, ferramentas ou “camaratas” para mineiros, associados a galerias duma primeira fase de exploração. Algumas destas edificações têm excelente

enquadramento paisagístico, pelo que a sua requalificação poderia ter fins idênticos ao conceito explanado no capítulo das “edificações utilitárias”.

No restante território da ADERES embora tenham existido outros sítios de mineração a sua presença é muito menos expressiva. Temos a considerar:

- Cortes do Meio – Existiram diversas minas na área NE da freguesia, nomeadamente as do Peixeiro, Alto dos Livros e Pedra da Mesa. Nas primeiras resta algum edificado, existindo um projeto de valorização turística, com alojamento e possibilidades de visita e interpretação das galerias, e aquilo que o promotor designa por *estrelódromo* (*dark sky*), que tira partido da altitude, da excelente posição geográfica e da ausência de “poluição luminosa”, para a observação dos astros.
- Peso – Existe uma mina de difícil acesso, sem edificado visível associado.
- Minas da Recheira (Barco) – Complexo mineiro na base do Cabeço da Argemela, cuja área envolvente foi requalificada, sendo possível visitar as galerias. É feita interpretação interior e exterior ao complexo mineiro. Funciona em regime de visitas organizadas, havendo sinalética indicativa em toda a rede viária regional. O empreendimento tem diversos tipos de parcerias (estabelecimentos hoteleiros, produtor de vinhos), sendo igualmente um dos geossítios do Estrela Geopark.
- Cabeço de Argemela (Barco e Lavacolhos) – Área relativamente extensa, com galerias e poços de exploração “formal” e zonas de exploração a céu aberto onde se praticou a mineração “ao quilo”, autorizada pelo concessionário. A sua grande extensão e possibilidade de acessos variados fez com que o regime de “saltipilha”, de recolha à revelia do concessionário e das autoridades tenha sido aqui largamente praticado. Existe algum edificado disperso, de fraca qualidade e em mau estado de conservação. Embora não exista qualquer sinalética e interpretação no próprio local, a ARPAZ instalou no Barco um Centro Interpretativo da Argemela, onde além dos temas da Geologia e mineração, são abordados diversos aspetos do meio ambiente, arqueologia e história social.

PATRIMÓNIO NATURAL E PAISAGÍSTICO

Relativamente ao património natural *sensu lato*, há diversos elementos e locais a destacar, sendo que a sua relevância, em termos de conservação da natureza e biodiversidade, se pode alocar em diferentes níveis.

Num primeiro nível, de elevada sensibilidade e interesse conservacionista, temos as zonas de altitude correspondentes às freguesias de Cortes do Meio, Unhais da Serra e Erada parcialmente incluídas no Parque Natural da Serra da Estrela e na Zona Especial de Conservação Serra da Estrela (PTCON0014) e ainda as de S. Jorge da Beira e Sobral de S. Miguel, tangencialmente incluídas na Zona Especial de Conservação Complexo do Açor (PTCON0051). Tratam-se de locais onde ocorrem uma série de habitats e espécies com áreas de distribuição e populações / comunidades muito reduzidas em Portugal (figura 6).

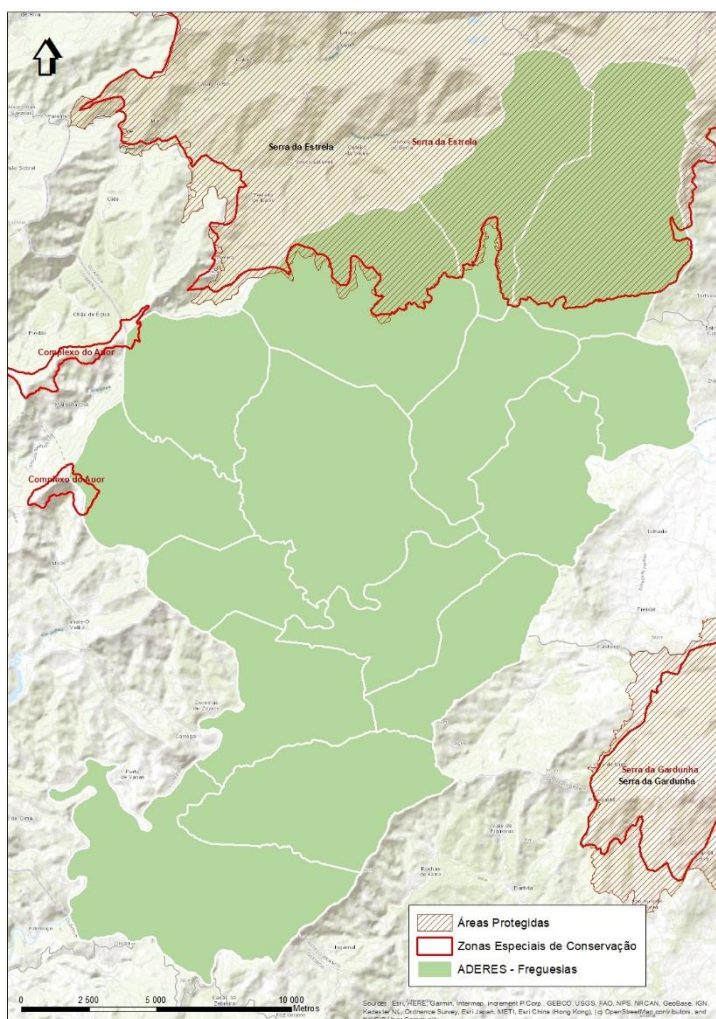


Figura 6 – Áreas Classificadas no território da ADERES

Muitos destes habitats encontram-se igualmente associados a locais de interesse geológico, classificados como geossítios, no âmbito do Estrela Geopark, nomeadamente o circo glaciário do Covão do Ferro, as moreias do vale de Alforfa, o vale glaciário de Alforfa, os cones detriticos de Alforfa, as cascalheiras do Alto da Pedrice, o Alto dos Livros e a Varanda dos Pastores.

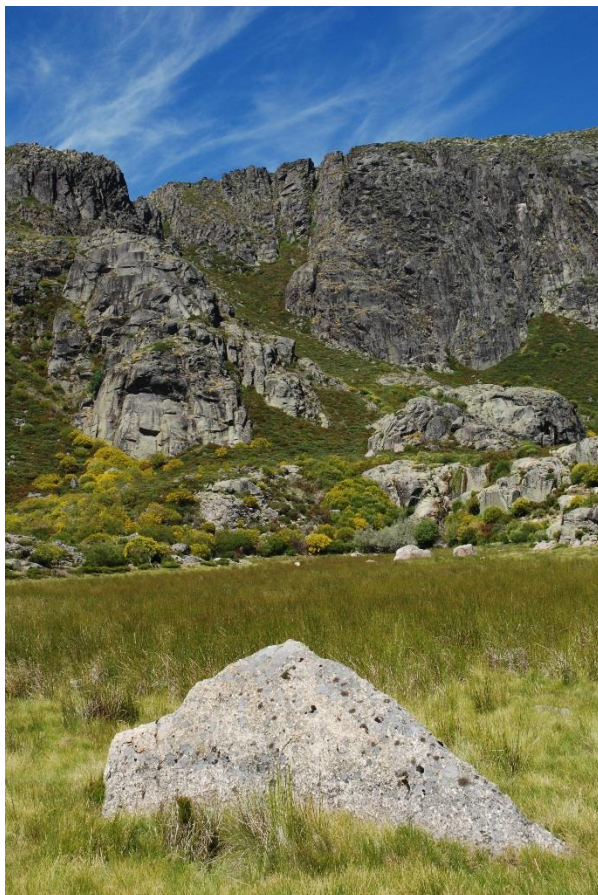


Figura 7 – Covão do Ferro.

Estas paisagens de afloramentos rochosos, charnecas, cervunais, charcos temporários e turfeiras, são particularmente ricas, não apenas do ponto de vista estritamente natural, mas também cultural, pois existem marcas nítidas de práticas agrícolas e agro-pastoris, como muros para confinamento do gado, abrigos de pastores, arroteamentos para a cultura do centeio e sistemas de condução de água para lameiros de altitude, entre outros.

Igualmente importantes são os cursos de água de características lóticas, muitos dos quais têm origem nas áreas anteriormente descritas. Neste conjunto, a ribeira de Cortes constitui, sem dúvida, o exemplo mais eloquente, figurando igualmente os seus poços na lista de geossítios do Estrela Geopark. Ao seu curso está associada uma população de melro-d'água (*Cinclus cinclus*) que apresenta uma das maiores densidades conhecidas em Portugal. Ao vale desta ribeira, entre a Bouça e as Penhas da Saúde, está igualmente associada uma das maiores manchas de azinhal natural de Portugal que constitui, além do interesse como habitat natural, um património genético notável.

Aqui, como noutros cursos de água com características idênticas, podemos igualmente falar em paisagens culturais, já que ligadas às ribeiras surgem diversos sistemas de condução de água destinados à rega dos lameiros e à força motriz para moinhos, lagares, pisões e outros engenhos. Ou mesmo para centrais hidroelétricas, como no caso da ribeira de Alforfa / Unhais.

Num terceiro nível temos as galerias ripícolas de amieiros, freixos e salgueiros, presentes essencialmente ao longo de todo o curso do Zêzere, mas também nas ribeiras do Paul/Unhais, Casegas, Cerdeira, Erada, Bogas e Ximassa. Estes habitats são considerados como verdadeiros corredores ecológicos, garantindo funções de conectividade e regularização de cheias. A sua presença possibilita também a

existência de locais aprazíveis com funções de lazer, aproveitadas na maioria das freguesias do território Estrela Sul.



Figura 8 – Galeria ripícola no Zêzere.

Frequentemente os aluviões adjacentes a esses cursos de água, têm aproveitamento agrícola, normalmente hortícola e frutícola, facto que, pela compartimentação, introduz uma certa variedade e dinamismo à paisagem, pois as rotações culturais e a própria natureza decídua do arvoredado das galerias, contribuem igualmente para essa dinâmica anual.

Finalmente há a referir todo o território agroflorestal de tipologias muito diversas, em alguns casos com características de verdadeira floresta de produção de pinheiro-bravo e eucalipto, noutros casos de povoamentos mais dispersos onde surgem também elementos do coberto vegetal original, nomeadamente sobreiros, sendo também comuns os mosaicos agrícolas em que a oliveira tem uma presença constante.

Neste domínio não podemos deixar de referir a presença de socalcos, não só pelo seu interesse paisagístico, mas também como micro habitats saxícolas, por vezes associados a minas de água.

Nesta vasta área de ocupação agroflorestal, em situações de vales cavados (as *barrocas*), é frequente ocorrerem zonas de matagal, dominadas por medronheiros.

Na área da Geologia e Património Geológico, e ainda no âmbito do Estrela Geopark, além dos geossítios já referenciados, existe ainda a pedreira de ardósia do Sobral de S. Miguel, as nascentes termais de Unhais e as minas da Recheira. Fora deste território, na área do concelho do Fundão incluída na ADERES, existem diversos locais que do ponto de vista geológico têm inegável interesse didático, científico e paisagístico, nomeadamente a crista quartzítica da Senhora da Peneda / Poço da Remolha e o complexo mineiro e escombros do Cabeço do Pião.

Este conjunto de valores naturais, associados e estreitamente ligados também aquilo que podemos designar por cultura regional, material e imaterial, constituem ativos importantes para o território da ADERES que urge defender e valorizar.

ETNOBOTÂNICA

Sendo o território da ADERES constituído por habitats e paisagens tão diversos, em que a gradiente altitude é particularmente determinante, mas a que se juntam outros fatores igualmente relevantes, como sejam os tipos de solos e a geologia que lhes deu origem, o elenco florístico é também muito variado.

Ao nível da etnobotânica, a convivência secular das comunidades com esta realidade, levou a um apuramento dos conhecimentos relativos a diferentes usos de elementos da flora local, no âmbito medicinal, alimentar e utilitário, que a seguir descrevemos.

Os rebentos e lançamentos de diferentes espécies de salgueiros, *Salix* sp., vulgo verga, ou vergas, são utilizadas para cestaria e certas artes de pesca – covos e guilritas; estas últimas muito difundidas, havendo mesmo um exemplar no Museu do Trabalho Michel Giacometti (Setúbal), recolhido no Sobral de São Miguel.

A tabela seguinte apresenta uma listagem de plantas regionais, recolhidas pelos professores de Biologia e Geologia da Escola Secundária do Fundão, publicada pela Câmara Municipal do Fundão em 2005, com o título “Dos pés de Cereja...”

Nome vulgar	Nome científico	Utilização
Abrótega	<i>Asphodelus</i> sp.	Foro dermatológico
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Possui múltiplas utilizações, nomeadamente como tonificante e para afeções gástricas
Avenca-menor	<i>Asplenium trichomanes</i>	Anti-inflamatório geral
Azeda	<i>Rumex acetosa</i>	Laxante e diurética
Cardo-de-Santa-Maria	<i>Sylibum marianum</i>	Digestivo e antisséptico
Carqueja	<i>Pterospartum tridentatum</i>	Combate a hipertensão
Castanheiro	<i>Castanea sativa</i>	Expetorante e antirreumático
Cerejeira	<i>Prunus avium</i>	Diurético e analgésico
Dedaleira	<i>Digitalis purpurea</i>	Cardiotónico
Erva-das-sete-sangrias	<i>Lithodora prostata</i>	Combate a febre, analgésico
Erva-das-verrugas	<i>Chelidonium majus</i>	O látex é utilizado para tratamento de problemas dermatológicos
Erva-de-São-Roberto	<i>Geranium purpureum</i>	Perturbações gástricas
Fumária	<i>Fumaria officinalis</i>	Anti-histamínico
Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i>	Combate as dores abdominais; anti-inflamatório

Nome vulgar	Nome científico	Utilização
Gilbardeira	<i>Ruscus aculeatus</i>	Diurético; Indicado para problemas venosos.
Hipericão	<i>Hypericum perforatum</i>	Cicatrizante e calmante
Macela	<i>Helichrysum stoechas</i>	Digestivo; anti-inflamatório
Malva-silvestre	<i>Maiva sylvestris</i>	Laxante; utiliza-se igualmente em infeções externas
Medronheiro	<i>Arbutus unedo</i>	Antidiarreico; antisséptico
Morangueiro-bravo	<i>Fragaria vesca</i>	Diurético: combate a diabetes
Murta	<i>Myrtus communis</i>	Adstringente e antisséptico
Orégão	<i>Origanum vulgare</i>	Cicatrizante e antirreumático
Papoila	<i>Papaver rhoeas</i>	Tem propriedades sedativas e antitússicas
Parietária	<i>Parietaria judaica</i>	Diurética
Peónia	<i>Paeonia broterai</i>	Sedativa, antitússica e analgésica
Pilriteiro	<i>Crataegus monogyna</i>	Cardiotónico
Pimpinela	<i>Sanguisorba verrucosa</i>	Antidiarreico; infeções respiratórias
Pinheiro	<i>Pinus pinaster</i>	Expetorante
Poejo	<i>Mentha puegium</i>	Digestivo e diurético
Pulmonária	<i>Pulmonaria longifolia</i>	Expetorante
Roseira-brava	<i>Rosa canina</i>	Antidiarreico
Rosmaninho	<i>Lavandula pedunculata</i>	Antiasmático; tem igualmente efeitos cicatrizantes
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i>	Laxante; infeções externas
Salgueiro-branco	<i>Salix salvifolia</i>	Analgésico e sedativo
Selo-de-Salomão	<i>Polygonatum odoratum</i>	Analgésico e antirreumático
Silva	<i>Rubus ulmifolius</i>	Diurético
Tanchagem	<i>Plantago sp.</i>	Anti-inflamatório
Umbigo-de-Vénus	<i>Umbilicus rupestris</i>	Cicatrizante e calmante



Figura 9 – Dedaleira – *Digitalis purpurea* (Barroca do Zêzere).

VALORIZAÇÃO DA FLORA REGIONAL E NOVAS ATIVIDADES RELACIONADAS COM O PATRIMÓNIO NATURAL E A AGRICULTURA

Atualmente assiste-se a um interesse crescente pela utilização de plantas silvestres em contextos alimentares, medicinais e cosméticos. Embora algo timidamente, esta circunstância tem sido aproveitada localmente por alguns restaurantes que utilizam a carqueja e o zimbardo nos seus pratos de gastronomia serrana.

No entanto, considerando o elevado potencial do território da ADERES neste domínio, julgamos que deveriam ser estudados, promovidos e divulgados alguns produtos e possibilidades de negócio no âmbito daquilo a poderíamos chamar “produtos silvestres”, seja através do seu cultivo ou colheita direta, seja sobretudo ao nível da sua manipulação e transformação em pequenas unidades, visando a criação de licores, aguardentes, compotas, óleos essenciais e preparados para infusões.

Estas possibilidades podem ser testadas ou ensaiadas, numa primeira fase, ao nível das universidades e *start-ups*, bem como ao nível da economia social (associações). Demonstrada a sua viabilidade e interesse, produtos, conceitos e metodologias poderiam ser replicados em iniciativas empresariais.

Julgamos que as seguintes espécies, produtos e atividades mereceriam especial atenção:

Medronheiro (*Arbutus unedo*)

Uma boa parte do território Estrela Sul tem excelentes condições para o cultivo do medronheiro, circunstância que tem sido já aproveitada; havendo igualmente a possibilidade da gestão direta em parcelas florestais em que já existe, adensando o povoamento e eliminando outra flora arbustiva.

A sua transformação em compota e geleia poderá ter boa aceitação no mercado, podendo ser iniciada com a sua utilização nos estabelecimentos hoteleiros da região, que constituiriam uma “montra” e ponto de venda para estes produtos.

Por outro lado, existe certamente um mercado para exportação dos frutos frescos no norte da Europa, onde tradicionalmente há um grande interesse pelas “bagas silvestres”, cujos canais de exportação necessitariam de ser estudados através de importadores dessas regiões e países.

Empresas regionais que trabalham já na produção de bagas para exportação poderiam ser parceiros privilegiados para pôr em prática esta operação, nomeadamente a Beira Baga <https://beirabaga.pt/>. Acresce ainda que os resíduos verdes, provenientes de operações de poda e desrame, poderiam ser utilizados para fins ornamentais.



Figura 10 – Exemplar de medronheiro em ecossistema florestal.

Óleos essenciais

Além de um consumo “doméstico” e “individual” para óleos essenciais de determinadas espécies (rosmaninho, alecrim, pilriteiro e murta, entre outros), a indústria cosmética e farmacêutica tem necessidade de grandes quantidades, cujo fornecimento está dependente essencialmente da importação. Deveria ser estudada a possibilidade da viabilidade da instalação de uma microunidade industrial, que através da colheita na natureza devidamente regulada e, ou, cultivo, viesse a assegurar a matéria-prima nas quantidades requeridas pela indústria.

Cultivo experimental de *Gentiana lutea*

A genciana em Portugal é apenas conhecida na serra da Estrela, sendo classificada na categoria de conservação (UICN – ICNF) como “CR – Criticamente em Perigo”, não apenas pela sua reduzida área de distribuição, mas também pela colheita desordenada. Trata-se de uma planta desde há muito utilizada num contexto medicinal, mas que recentemente tem conhecido um interesse redobrado.

A criação de parcelas controladas para o cultivo experimental, nas áreas de baldios serranos pertencentes às freguesias de Unhais da Serra e Cortes do Meio, devidamente licenciadas e acompanhadas pelo ICNF e por instituição universitária vocacionada para esta temática (UTAD, Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, Escola Superior Agrária de Castelo Branco, ou outra), poderia ter, além de algum provento económico, também importância como ação de conservação, podendo essa,

ou essas parcelas, constituírem verdadeiros bancos de sementes de grande utilidade para a recuperação desta espécie na serra da Estrela.

Cultivo de azevinho (*Ilex aquifolium*)

Considerando que existe uma superfície muito significativa de áreas de socalcos abandonados, em altitudes médias, com solos relativamente profundos, onde se praticaram culturas hortícolas, deveria ser ensaiado o cultivo de azevinho em alguns desses locais. A rusticidade da planta e a sua fraca necessidade de operações culturais ao longo do ano, poderia constituir uma fonte de rendimento relativamente fácil, contribuindo igualmente para a manutenção destes elementos tão importantes, e interessantes, para a composição da paisagem.

Criação de um mel DOP Estrela-sul

Pensamos que pelas características florísticas e uso do solo haveria toda a vantagem em estudar com os apicultores locais e empreendedores neste espaço rural, a possibilidade de intensificar esta atividade, na tentativa de criar um mel multiflora que, mediante uma prática transumante, entre a flora de altitude e a flora mediterrânica e os pomares das terras baixas, tivesse características singulares.

Dadas as curtas distâncias existentes entre estes diferentes ambientes no território Estrela Sul, esta prática seria relativamente fácil. O mel associaria uma série de “marcas identitárias” da região, nomeadamente serra da Estrela / Natureza, e cerejeiras / Fundão podendo, caso a sua qualidade e especificidade o viesse a justificar, vir a dar origem a um mel DOP - Estrela-Sul.

A viabilidade desta proposta e o seu eventual ensaio, poderia ser equacionada através da Casa do Mel, gerida pela Pinus Verde, entidade com conhecimentos e experiência nesta área.

Reforço da presença de sobreiros

Grande parte do território da ADERES situada em cotas abaixo dos 800 / 700 metros, possui excelente aptidão para os sobreiros, de resto indicados como um dos elementos da flora arbórea do coberto original desta região bioclimática. A presença de sobreiros de grande porte em Lavacolhos, Barco, Janeiro de Cima e Sobral de S. Miguel (o topónimo é um excelente testemunho), demonstra que, em condições em que a exposição e o relevo sejam favoráveis, a espécie pode ter taxas de crescimento e produção muito interessantes, pelo que a sua plantação deveria ser promovida e incentivada.

Cultura do milho em lameiros

A cultura do milho em lameiros e a existência de socalcos é, conforme referido, um elemento estruturante das paisagens rurais de uma boa parte do território Estrela Sul. A moagem do milho em sistemas moageiros associados aos lameiros é também realizada, ainda que pontualmente, em diversas freguesias. No caso de Cortes do Meio a recuperação de um forno comunitário veio completar o ciclo produtivo relacionado com o milho, ou seja cultura, moagem e panificação.

A broa aí produzida tem grande aceitação e reconhecimento, pelo que julgamos seria de estudar a possibilidade de lançar esse produto como IGP – Indicação Geográfica Protegida, eventualmente alargada a outras freguesias que não apenas as Cortes, mediante a recuperação de moinhos e fornos, sendo que nesse caso a denominação do produto passaria a ser Broa da Estrela Sul.



Figura 11 – Lameiros e socalcos nas proximidades da Bouça.

Novos produtos

A introdução de novos “produtos silvestres”, exteriores à tradição local, ou cuja utilização se perdeu, pode ser igualmente interessante, mais talvez num contexto inicial de “valorização patrimonial” e “inovação”, do que propriamente económico, podendo ser experimentado e divulgado por restaurantes e estabelecimentos hoteleiros, bem como Escolas de Hotelaria. Os frutos de sabugueiro para obtenção de sumo, o funcho, as acelgas-bravas e os cogumelos silvestres desidratados, são apenas alguns exemplos, de novos produtos que após um período de “experimentação” ou “incubação”, pudessem vir a ser objeto de negócio.

Observação e fotografia de aves

A observação e fotografia de aves conta atualmente com muitos adeptos de distintas origens sociais e etárias. Trata-se de um público que organiza as suas viagens e tempos livres muito em função da oferta que determinados locais lhes podem dar, ao nível de espécies pouco comuns, mas com algum grau de certeza quanto à possibilidade de as virem a observar.

No caso do território Estrela Sul os “ativos” mais valiosos a esse nível, são constituídos sobretudo pelas comunidades de aves de montanha com áreas de distribuição muito reduzidas em Portugal, destacando-se as seguintes:

- *Anthus campestris* – Petinha-dos-campos; estival, embora não seja exclusiva de montanha, as zonas mais altas e rochosas da Estrela apresentam boas densidades desta espécie.
- *Cinclus cinclus* – Melro d’água; residente as ribeiras de Cortes, Alforfa, Unhais e Paul possuem aparentemente das mais elevadas densidades desta espécie em Portugal.
- *Circus pygargus* – Tartaranhão-caçador; estival, ocorre em áreas de matos rasteiros desde as Penhas da Saúde a Alvoaça.
- *Emberiza hortulana* – Sombria; estival, presente nas zonas de matos mais elevadas, incluindo a Argemela.
- *Falco peregrinus* – Falcão-peregrino; residente, nidifica nas fragas adjacentes ao Covão do Ferro.

- *Gyps fulvus* – Grifo; ocorre regularmente na Estrela-Sul.
- *Loxia curvirostra* – Cruza-bico; invernante regular, nidificante irregular, ocorre nos bosquetes das Penhas da Saúde.
- *Monticola saxatilis* – Melro-das-rochas, ocorre nas áreas de blocos graníticos situadas nas cotas mais elevadas da Estrela.
- *Plectrophenax nivalis* – Escrevedeira-das-neves, invernante irregular, existem registos nas Penhas da Saúde.
- *Prunella collaris* – Ferreirinha-alpina; invernante raro, mas regular, com registos na área das Penhas da Saúde.
- *Turdus torquatus* – Invernante escasso, mas regular, com registos variados, mesmo em altitudes médias.

Este potencial tem sido muito pouco valorizado, faltando uma divulgação mais expressiva e consistente em vários canais, desde logo nos próprios sites institucionais ligados ao turismo regional. Pelo que sugerimos uma aposta mais forte nesta, e noutras temáticas relacionadas com o Turismo de Natureza. Algumas destas espécies poderiam ser os “rostos” de futuras campanhas destinadas a captar visitantes com este tipo de interesses.

PATRIMÓNIO IMATERIAL

Ao nível do Património Imaterial, existe um conjunto de tradições e histórias que julgamos serem particularmente distintivos, e expressivos, de uma certa cultura, e identidade regional que a seguir enumeramos:

Bombos e outras manifestações musicais

A toada ancestral e empolgante dos conjuntos de bombos e caixas é, talvez a marca identitária regional mais forte. Tratam-se de conjuntos de percussão, “liderados” por um tocador de píforo que marca a linha melódica.

Foram feitas recolhas por Miguel Giacometti em diversas localidades da região, nomeadamente em Lavacolhos, Souto da Casa e Barco, sendo que nesta última localidade foi feita uma recolha algo diferente, composta por duas marchas que além dos bombos e caixas, contavam com a participação de um segundo píforo e pratos.

Estas sonoridades e estes conjuntos são de facto presenças fortes na identidade regional, com o valor acrescido dos bombos serem de construção local, com recurso a materiais e tecnologias próprias. Toda esta rica tradição musical é perpetuada em diferentes grupos de tocadores ainda ativos, sendo dinamizada através da Casa do Bombo, da responsabilidade da Câmara Municipal do Fundão.

De referir que nas reservas do Museu Nacional de Etnografia existe um bombo proveniente de Lavacolhos, estando a construção destes instrumentos documentada nas fichas da matriz PCI (Ministério da Cultura) <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/InventarioNacional/DetalheFicha/587?dirPesq=2>

Ainda no capítulo etnomusical destacam-se também as polifonias de carácter religioso, como as “Encomendações das Almas”, por vezes acompanhadas por adufes, muito presentes ainda em algumas freguesias, nomeadamente no Paul.



Figura 12 – Representação da tradição dos bombos.

Mineração

O imaginário relativo à mineração no passado, embora se vá apagando, pelo natural desaparecimento das pessoas que o viveram, está ainda bastante presente e é, de certo modo, em alguns aspetos mitificado, circunstância bastante comum na passagem dos testemunhos de geração em geração.

Este imaginário relaciona-se especialmente com o período de mineração correspondente ao deflagrar da II Guerra Mundial, e o embargo à exportação do volfrâmio ocorrida já perto do final do conflito. Embora as minas em exploração se situassem em dois lugares bem determinados, Couto Mineiro da Panasqueira e Argemela, houve tentativas de prospeção e extração um pouco por todo o lado.



Figura 13 – Amostra de volframite do Museu Mineiro da Barroca Grande.

Tratou-se de uma verdadeira corrida ao ouro negro que levou ao abandono do cultivo dos campos da região, tendo tido a atividade nesse período a capacidade de mobilizar homens, mulheres e crianças. A mineração fazia-se de todos os modos, legais e ilegais, o importante era obter volfrâmio a todo o custo.

Havia uma exploração “formal” segundo as técnicas de engenharia e geologia de minas, e outra informal que podia ser “ao quilo” realizada à superfície ou em “poços”, em que as pessoas se dedicavam à prospeção autorizada pelos concessionários, vendendo o minério obtido a esses mesmos concessionários.

No entanto o tipo de exploração que mais alimenta o imaginário, corresponde ao chamado “saltipilha”, realizado fora-da-lei, mas com alguma complacência das autoridades, e que consistia no roubo do minério, normalmente pela calada da noite, nas áreas das concessões, muitas vezes implicando a entrada clandestina nas galerias através dos poços ou chaminés de ventilação. O produto era vendido também clandestinamente a recetadores que o conduziam a canais de escoamento, ora dirigidos aos Aliados ou aos Nazis.

Estes grupos ganharam uma aura lendária, idêntica aos contrabandistas, com que aliás estavam muitos deles relacionados. As descidas pelos poços, a fuga aos guardas, a vinda de personagens “engravatadas” de Lisboa, cada um cobrindo a oferta do outro, deixaram marcas profundas, que vão do anedótico ao trágico, como a família da Barroca do Zêzere que subitamente rica, vai comprar mobílias e utensílios para a casa, passando a utilizar um bidé como saladeira e tendo que serrar peças de mobília que não cabiam na habitação. Ou a repressão da GNR no Barco, a pedido da família concessionária da Argemela, após uma invasão de “saltipilhas” à área concessionada.

A perigosidade e o número de acidentes de trabalho mortais é, por vezes exagerado (um todas as semanas...), mas as condições de trabalho eram de facto deploráveis, com a utilização de mão-de-obra infantil, sujeita a todo o tipo de arbitrariedades por parte dos capatazes. Acresce que nessa época a maquinaria era ainda bastante escassa, estando a extração muito dependente da força humana, não existindo quaisquer meios de proteção individuais.

Às mulheres além do trabalho de prospeção à superfície, estavam-lhes reservados o carregamento, a lavagem do minério nas lavarias ou nas ribeiras. Outras ainda dedicavam-se à prospeção nas areias do rio, procurando umas gramas de minério que tivessem escapado às sucessivas triagens, na esperança de ao final de algumas semanas terem um quilo para vender.

Todos estes factos compõem um imaginário e um quadro social particularmente rico, que embora estudado e referenciado em diferentes publicações, incluindo o famoso romance de Fernando Namora – Minas de San Francisco (1946), necessita ainda de ser aprofundado, igualmente através da análise da documentação existente no Museu Mineiro da Barroca Grande, a qual, através dos relatórios técnicos, folhas salariais, fichas médicas, mapas de pessoal e outros, constitui um manancial para a história social da região e da atividade mineira.

Saber-fazer

Existem uma série de práticas com características regionais, logo marcas identitárias que importaria salvaguardar. Além da construção dos bombos atrás referida, salientamos as seguintes:

- **Cestaria** – A tradição da cestaria, sobretudo a partir de ramos de salgueiro (*Salix sp.*), foi praticada um pouco por todas as freguesias. Os artefactos eram muito variados, desde taipais laterais para carros de bois, até cestos de variadas formas, passando ainda por armadilhas para a pesca (covos e guilritas). A técnica está algo perdida, tendo sido localizado nesta fase apenas um praticante. Na fase seguinte do W74 haveria que continuar a pesquisa relativa à existência de pessoas com prática nesta técnica.

- **Trabalhos em pedra** – Conforme referido a utilização dos calhaus rolados na construção constitui uma marca, e um património, de grande interesse. Em Janeiro de Cima, Erada e Cortes do Meio existem ainda pedreiros que usam essa técnica, aplicando sobretudo nas construções ou reparações, pedra já aparelhada proveniente de ruínas. Haveria todo o interesse em criar uma “bolsa” com referência a estes artesãos para que possam vir a ser utilizados, ou recomendados para trabalhos desta natureza.



Figura 14 – Trabalhos em pedra.

Pastorícia

A pastorícia na Estrela Sul está tradicionalmente relacionada com os caprinos, particularmente os da raça serrana. A manutenção e promoção desta espécie autóctone deve ser incrementada, não apenas a favor da biodiversidade e diversidade genética, mas também pelo papel dos rebanhos de caprinos nos ecossistemas serranos.

Ligadas a esta prática, além dos conhecimentos intrínsecos relacionados com o gado e o seu maneio, existem outros saberes e técnicas que merecem referência, nomeadamente o fabrico de chavelhas em madeira, cuja utilidade consiste em constituírem os fechos das coleiras de suporte dos chocalhos. São talhadas a canivete em madeira de urze-molar (*Erica arborea*), localmente conhecida como abetoiro. Na parte mais larga e redonda, correspondente à pega, são gravados motivos geométricos ou florais.

A esta função meramente utilitária, os pastores, ou antigos pastores, poderiam adicionar também uma componente de artesanato para, por exemplo, porta-chaves ou magnetes, postos à venda nos estabelecimentos hoteleiros, museus e centros interpretativos da região, particularmente aqueles cujas temáticas estão ligadas à atividade pastoril, nomeadamente o Centro de Interpretação da Rota da Transumância (Alpedrinha) e o Museu dos Lanifícios (Covilhã).

Pesca

Atualmente a pesca no território Estrela Sul assume um carácter essencialmente lúdico, existindo algum ordenamento piscícola, derivado não apenas dos regulamentos gerais que regem a pesca em águas interiores, mas também de áreas concessionadas e reservadas à pesca desportiva.

No entanto no passado a pesca constituía um recurso alimentar para a generalidade das localidades ribeirinhas e, até económico. As capturas eram feitas através das já referidas armadilhas, covos e guilritas, estas últimas aparentemente muito

difundidas, existindo um exemplar no Museu do Trabalho Michael Giacometti recolhido no Sobral de São Miguel. A pesca é ainda praticada também com vários tipos de redes, lançadas e armadas a partir de barcos, ou das margens, através de tarrafas.



Figura 15 – Barco do Zêzere (Janeiro de Cima).

O peixe é normalmente utilizado em fritadas, ou sopas com pão e tomate, sendo a boga seca e posteriormente grelhada particularmente apreciada. Alguns restaurantes praticam pontualmente receitas algo mais elaboradas, tendo como base a truta.

Recentemente surgiu uma empresa denominada Bem Amanhado – Conserveira do Interior que iniciou uma interessante experiência com receitas inovadoras, apresentadas em conserva em lata e frasco, à base de diferentes espécies de peixes de rio, incluindo exóticas. A empresa está sedeadada em Vila Velha de Rodão, mas tem algumas ligações a Janeiro de Cima.

Tecelagem artesanal

A prática da tecelagem artesanal, em teares manuais, é bastante antiga na Estrela Sul, e foi reabilitada através da Casa das Tecedeiras em Janeiro de Baixo.

No entanto a cultura do linho, nesta região da variedade mourisca, parece estar praticamente abandonada. Tratando-se de uma cultura anual, realizada em lameiros, haveria todo o interesse em retomá-la, ainda que apenas com fins demonstrativos, na esfera da Casa das Tecedeiras.



Figura 16 – Casa das Tecedeiras.

ESTUDO ESTRATÉGICO - OPORTUNIDADES DE FINANCIAMENTO

Neste momento estamos num processo de transição, em que se aproxima o fim do V QCA - Quadro Comunitário de Apoio – Portugal 2020 - e terá oportunamente início o seguinte ciclo de financiamentos, Portugal 2030, ambos sobrepostos e alinhados com o PRR – Plano de Recuperação e Resiliência.

São diversas as oportunidades existentes e futuramente disponíveis para impulsionar o país e as suas regiões, em recuperação e na resposta aos desafios que se nos colocam, não apenas com o contributo de fundos europeus, mas também com fundos nacionais do orçamento de estado.

Assiste-se a uma política de coesão territorial em crescendo, onde a valorização dos territórios do interior e dos seus ativos são uma aposta inequívoca, acompanhado dos fundos necessários à implementação de projetos que contribuam para o seu desenvolvimento.

Para as propostas elencadas no presente documento, de valorização dos recursos endógenos da terra e do património, destacamos para este território Terras do Volfrâmio, um conjunto de linhas de apoio, ancoradas em estratégias macro onde as potencialidades e aspirações da região, considerando os seus recursos, pontos fortes e potencialidades a desenvolver, são enquadráveis e constituem contributo para aqueles objetivos e resultados de ordem superior.

PROGRAMA TRANSFORMAR TURISMO - TURISMO DE PORTUGAL

O território de intervenção da ADERES está integrado na Zona Centro de Portugal, uma região forte e diversificada, cujas características têm conduzido a entidade Regional de Turismo do Centro de Portugal a promover o território e todo o seu inigualável património nos mais diversos certames promocionais dentro e fora do país.

A título de exemplo de referir que recentemente, no passado mês de fevereiro de 2022, a Região de Turismo do Centro de Portugal foi uma das duas presenças Portuguesas, a par com um Município do sul do país, que se fez representar na segunda mais importante feira da Europa de ornitologia e turismo de natureza, aspeto este revelador da visão, aposta e ambição desta entidade para o território, ciente do seu valor.

É neste sentido que a **Estratégia Turismo 2027**, como referencial estratégico para o turismo de Portugal na próxima década, tem a sua visão, ambicionando um alinhamento estratégico de todos os atores e agentes de turismo, com um plano de ação para implementação da estratégia no imediato, sucessor do PENT – Plano Estratégico Nacional para o Turismo, aprovado no ano de 2007, cuja operacionalização conduziu a um extraordinário desempenho de Portugal neste sector.

Para a implementação de medidas enquadradas na ET2027, o Turismo de Portugal tem disponível o Programa Transformar Turismo com duas linhas de apoio em vigor – Territórios Inteligentes e Regenerar Territórios, previsto no Plano Reativar O Turismo | Construir o Futuro, sucessor do Programa Valorizar:

A Linha Regenerar Territórios – com candidaturas abertas a partir de 10 de janeiro de 2022 até ao esgotamento da dotação.

Fases em 2022 e 2023 - 4 fases trimestrais que terminam em março, junho, setembro e dezembro. Cada fase abre com 2.000.000 euros (total 16.000.000 euros).

A Linha Territórios Inteligentes – com candidaturas abertas a partir de 10 de janeiro de 2022 até ao esgotamento da dotação.

Fases em 2022 - 4 fases trimestrais que terminam em março, junho, setembro e dezembro. Cada fase abre com 1.000.000 euros (total 4.000.000 euros)

Este é um programa destinado à área do Turismo, que tem como objetivo desenvolver a valorização e a qualificação do território, bem como o desenvolvimento de produtos, serviços e negócios inovadores. Por certo, serão elegíveis candidaturas sobre a proposta de valorização da flora local, um ativo endógeno diferenciador.

[Transformar Turismo \(turismodeportugal.pt\)](http://turismodeportugal.pt)

PROGRAMA OPERACIONAL CENTRO 2030

Os Programas Operacionais Regionais, estruturantes para a coesão territorial, existentes desde o I QCA (1989-1993) primeiro Quadro Comunitário de Apoio, são os programas mais próximos do terreno e das populações, de grande eficácia, cuja condução é assegurada pelas Autoridades de Gestão correspondentes às CCDR – Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional, por inerência.

Para o período de programação 2021/2027 a Estratégia de Especialização Inteligente do Centro (RIS3 do Centro) é documento orientador estratégico para o Programa Operacional Regional do Centro. Este documento estratégico é uma revisão da RIS3 que surgiu no âmbito da Política de Coesão para o período 2014-2020, assumido como um processo de construção coletivo e contínuo necessário à aplicação dos fundos estruturais, tornado obrigatório pela Comissão Europeia, na concretização dos investimentos do Portugal 2030.

A Estratégia Regional de Especialização Inteligente do Centro, identifica as grandes apostas inteligentes, que são temas com especialização científica, tecnológica e económica, nas quais a região detém vantagens comparativas e competitivas, e que revelam potencial de emergir como tais, segundo esta.

A partir deste alinhamento estratégico, concretizam-se os investimentos do Programa Operacional Regional do Centro, no âmbito do Portugal 2030, nas suas diversas vertentes, através do FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional e do FSE – Fundo Social Europeu.

Desta estratégia destacamos os seguintes objetivos específicos:

- Valorizar recursos endógenos naturais;
- Promover inovação territorial;
- Mobilizar tecnologias para a qualidade de vida;
- Desenvolver soluções industriais sustentáveis

E os seguintes domínios prioritários:

- Recursos naturais e bio economia;
- Turismo e criatividade ;
- Materiais, *tooling* e tecnologias de produção;
- Saúde e bem-estar;
- Tecnologias digitais e espaço;
- Energia e clima

[O que é o Portugal 2030 | PT2030](#)

Recentemente a CCDRC – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro disponibilizou um novo serviço de apoio sobre fundos europeus, designado por “Linha dos Fundos” onde se incluem esclarecimentos sobre o PT2030

["Linha dos Fundos": Novo serviço de apoio sobre fundos europeus \(ccdr.pt\)](https://ccdr.pt)

Atualmente através da plataforma do Portugal 2020, Balcao2020 [Fornecedor de Autenticação - Portugal 2020](#), é possível após registo proceder à apresentação da candidatura no Aviso respetivo, sendo que esta plataforma em uso dará lugar à seguinte de última geração para o período de programação do Portugal 2030.

Do Programa Operacional Regional do Centro derivam os Pactos de Desenvolvimento e Coesão Territorial, dotações multifundos (FEDER/FSE) destinadas a apoiar projetos assentes em estratégias de ordem inferior, próximas do terreno e das populações. Estes envelopes financeiros são geridos pelas estruturas intermédias de governação correspondentes às CIM – Comunidades Intermunicipais, através das suas estruturas EAT – Equipas de Apoio Técnico.

O território ADERES insere-se na área da CIMBSE – Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela, cujo Pacto de Desenvolvimento e Coesão Territorial, nas suas linhas para o sector empresarial, teve recentemente disponíveis o SI2E – Sistema de Incentivo Empreendedorismo e Emprego, o Mais Coeso – Sistema de Apoio ao Emprego e ao Empreendedorismo, e ainda o Programa de Apoio à Produção Nacional, com uma abrangência diversificada aos setores da economia, aguardando-se a todo o momento, no seguinte ciclo de financiamento Portugal 2030, que surjam idênticas oportunidades para os objetivos específicos traçados.

[CIMBSE - Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela - CIMBSE](#)

PROGRAMA DE COOPERAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA ESPANHA PORTUGAL POCTEP

O Programa Interreg Espanha – Portugal (POCTEP – Programa Operacional de Cooperação Transfronteiriça Espanha - Portugal) é um programa de cooperação territorial transfronteiriça, que se encontra em preparação para o ciclo 2021.2027 (Interreg VI A) com envolvimento dos estados membros.

Para beneficiar de um projeto, na sua concretização, é necessário existir uma parceria entre entidades de ambos os países na partilha de um projeto comum, estando para a Região Centro disponíveis e elegíveis duas áreas de cooperação:

- Centro / Castilla y León; e
- Alentejo / Centro / Extremadura.

Este Programa de Cooperação tem como objetivos o reforço e a execução de ações conjuntas de desenvolvimento e intercâmbio entre os agentes nacionais, regionais e locais de Espanha e Portugal, tendo por base uma parceria ou partenariado entre entidades de ambos os lados da fronteira agregados num projeto comum, sendo possível que esses coletivos reúnam entidades públicas, privadas e empresas, em torno dos objetivos do programa.

Está estabelecido um conjunto de objetivos políticos e prioridades definidas para o período de programação 2021-2027, distribuídas por cinco áreas de investimento, a saber:

OP1 – Uma Europa mais inteligente

Prioridade: 1 - Empresas, competitividade, digitalização;

Prioridade: 2 - Recursos endógenos, especialização inteligente;



OP 2 – Uma Europa mais verde e baixa em carbono

Prioridade 3 - Transição ecológica, alterações climáticas;

Prioridade 4 - Biodiversidade;

OP 4 – Uma Europa mais social

Prioridade 5 – Despovoamento, acesso a serviços;

OP 5 – Uma Europa mais próxima dos cidadãos

Prioridade 6 - Desenvolvimento integrado e sustentável;

Na web do programa poderão ser procurados parceiros através da bolsa de projetos, disponível em [Bolsa de proyectos](#) | [POCTEP](#)

IAPMEI

O IAPMEI – Agência para a Competitividade e Inovação, I.P., no âmbito das suas competências disponibiliza diversos mecanismos de incentivo e financiamento às pequenas e médias empresas, enquanto organismo intermédio na operacionalização dos fundos europeus estruturais e de investimento e de outros instrumentos de financiamento, tais como:

- - Incentivos PT2020;
- - Futuros Incentivos PT2030;
- - PRR – Plano de Recuperação e Resiliência;
- - Empreendedorismo | Incentivos;
- - Indústria 4.0;
- - Economia Circular.

O Centro de Apoio Empresarial do Centro, extensão regional da Covilhã, será ponto de contacto mais direto do IAPMEI para a região ADERES – Terras do Volfrâmio <https://www.iapmei.pt/>.

FUNDO AMBIENTAL

O Fundo Ambiental tem como finalidade apoiar políticas ambientais para a prossecução dos objetivos do desenvolvimento sustentável, contribuindo para o cumprimento dos objetivos e compromissos nacionais e internacionais, designadamente os relativos às alterações climáticas, aos recursos hídricos, aos resíduos e à conservação da natureza e biodiversidade, de acordo com a sua missão.

As receitas deste fundo têm origem nas taxas de carbono, licenciamentos, taxas resíduos e recursos hídricos e contraordenações ambientais, disponibilizadas através do OE - Orçamento do Estado.

Vem permitir através destas verbas, o acesso a diversas medidas ambientais, nas áreas da eficiência energética, resíduos, mobilidade sustentável e elétrica, sensibilização ambiental e mitigação de alterações climáticas.

Aqui são possíveis projetos de operacionalização de ações locais estratégicas no âmbito da ENEA – Estratégia Nacional de Educação Ambiental, de grande importância para os objetivos ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da agenda 2030

das Nações Unidas, determinantes para uma viragem pragmática das novas gerações.

Neste momento a operacionalização do Fundo Ambiental para o ano económico de 2022 está dependente da aprovação do OE, cujo orçamento é aprovado anualmente, bem como os Avisos para apresentação de candidaturas definidos também anualmente por despacho do Ministro do Ambiente e Ação Climática.

www.fundoambiental.pt

PDR – PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL DO CONTINENTE

Este é um programa bastante conhecido no território de intervenção da ADERES – Terras do Volfrâmio, que coloca a concurso diversas linhas de apoio do ainda atual Programa de Desenvolvimento Rural – PDR 2020, na qualidade de GAL - Grupo de Ação Local responsável pela receção, análise técnica de candidaturas e acompanhamento na execução dos respetivos projetos, financiadas através do FEADER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Rural.

Diversas têm sido as operações desenvolvidas através de anúncios de abertura à apresentação de candidaturas no âmbito da Medida 1º LEADER do PDR, nomeadamente:

- Renovação de aldeias;
- Promoção de produtos de qualidade locais;
- Cadeias curtas e mercados locais;
- Diversificação de atividades na exploração agrícola;
- Pequenos investimentos na transformação e comercialização de produtos agrícolas;
- Pequenos investimentos nas explorações agrícolas;

e ainda no âmbito da estratégia DLBC – Desenvolvimento Local de Base Comunitária:

- SI2E – Sistema de Incentivo Empreendedorismo e Emprego; e
- Mais Coeso – Sistema de Apoio ao Emprego e ao Empreendedorismo.

Neste momento a aplicação do FEADER é assegurado por verbas de transição do PDR 2020, dado que ainda decorre o processo de aprovação do PEPAC – Plano Estratégico da Política Agrícola Comum 2023-2027, onde se inclui o FEADER, esperando-se que a aplicação futura deste fundo conte com a intervenção dos GAL conforme foi até agora.

As atuais propostas do PEPAC 2023-2027 contém as seguintes linhas:

- **Diagnóstico Objetivo Transversal**- Modernização do setor através da promoção e da partilha de conhecimentos, da inovação e da digitalização;
- **Diagnóstico Objetivo Específico 1** - Apoiar os rendimentos e a resiliência das explorações agrícolas viáveis em toda a União, de modo a reforçar a segurança alimentar;

- **Objetivo Específico 2** - Reforçar a orientação para o mercado e aumentar a competitividade, com maior incidência na investigação, na tecnologia e na digitalização;
- **Objetivo Específico 3** - Melhorar a posição dos agricultores na cadeia de valor;
- **Objetivo Específico 4** - Contribuir para a adaptação às alterações climáticas e para a atenuação dos seus efeitos, bem como para a energia sustentável;
- **Objetivo Específico 5** - Promover o desenvolvimento sustentável e uma gestão eficiente de recursos naturais como a água, os solos e o ar;
- **Objetivo Específico 6** - Contribuir para a proteção da biodiversidade, melhorar os serviços ligados aos ecossistemas e preservar os habitats e as paisagens;
- **Objetivo Específico 7** - Atrair os jovens agricultores e facilitar o desenvolvimento das empresas nas zonas rurais;
- **Objetivo Específico 8** - Promover o emprego, o crescimento, a igualdade de género, a inclusão social e o desenvolvimento local nas zonas rurais, nomeadamente a bioeconomia e a silvicultura sustentável;
- **Objetivo Específico 9** - Melhorar a resposta dada pela agricultura Europeia às exigências da sociedade no domínio alimentar e da saúde, nomeadamente no que respeita à oferta de produtos alimentares seguros, nutritivos e sustentáveis, aos resíduos alimentares e ao bem-estar dos animais.

O PEPAC é acompanhado por diversos diagnósticos sectoriais, de entre os quais destacamos, de grande interesse para os projetos preconizados neste documento estratégico, a apicultura, a fruta e hortícolas.

PRR – PLANO DE RECUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA

O PRR é um instrumento comunitário estratégico de resposta à recuperação económico-social, à escala nacional, perante os graves e nefastos efeitos da pandemia COVID-19 nas economias europeias, que ao longo dos últimos dois anos nos afetou, de forma a promover a convergência económica na zona euro, tendo ao efeito sido criado o fundo Next Generation EU, um instrumento temporário de recuperação.

De entre as várias componentes e investimentos associados que constituem o PRR, onde podem ter acolhimento nos respetivos avisos à apresentação de candidaturas, projetos enquadrados na estratégia Terras do Volfrâmio, destacamos as seguintes:

- **Dimensão Resiliência** - Componente 5 – Capitalização e inovação empresarial
- **Dimensão Transição Climática** - Componente 13 – Eficiência energética em edifícios
- **Dimensão Transição Digital** - Componente 16 – Empresas 4.0



Figura 17 – Vista do território Estrela Sul

RECOMENDAÇÕES E PROPOSTAS DE ESTRATÉGIAS A ADOTAR

O território da ADERES, como a generalidade dos territórios do interior, sofre dos problemas inerentes à diminuição e envelhecimento da população residente. Trata-se de um problema de grande complexidade e para o qual, apesar de várias políticas para aí direcionadas, não se têm encontrado soluções satisfatórias. Não cabe, naturalmente, no âmbito do nosso trabalho e competências apresentar essas propostas de solução ou minimização.

No entanto numa abordagem macro, e sabendo que o problema só se combate através do investimento e na fixação de pessoas em idade ativa, parece-nos que no caso do território da ADERES, a sua proximidade a dois polos universitários, UBI e Politécnico de Castelo Branco, constitui uma importante mais-valia.

Conforme anteriormente referido seria útil estabelecer protocolos e parcerias com essas instituições que não ficassem por declarações de princípios, mas que se consubstanciassem em projetos e ações concretas, numa primeira fase ao nível de projetos piloto, ou instalação de start-ups, numa segunda fase em projetos mais ambiciosos, como campus ou polos de áreas dos currículos dessas instituições, muito especialmente, por questões de proximidade e escala, com a UBI e a sua componente de indústrias criativas e engenharias.

Outro vetor fundamental é a consolidação da estratégia de comunicação, endógena, dirigida para os residentes e as instituições locais, e exógena, dirigida a instituições com tutela na área do ambiente, património, mineração e outras. Devemos ter em mente que a serra da Estrela é um destino turístico bem conhecido e com grande capacidade de atração, logo essa estratégia de comunicação exógena deve também ser direcionada para um público generalista, a nível nacional e internacional.

Assim pensamos que a estratégia fundamental a desenvolver no curto prazo, no âmbito do W74 – Terras do Volfrâmio, assenta nos seguintes objetivos que visam captar visitantes e investimentos, e melhorar a qualidade das diferentes ofertas:

Captação de visitantes, nacionais e estrangeiros, para o território da ADERES, seja direcionada para um público generalista de famílias em lazer, seja para atividades mais específicas como caminhadas, *birdwatching*, ou turismo industrial.

Promover uma rede de parceiros locais do W74 que, no caso da hotelaria, restauração, comércio, museus e centros interpretativos, poderia ser identificado à porta ou entrada dos estabelecimentos com uma placa identificativa com o logo e inscrição “W74 – Terras do Volfrâmio, parceiro”. Estas parcerias seriam também alargadas a indústrias (por exemplo lanifícios), a produtores agrícolas e artesãos.

Inventariar com maior detalhe os diferentes valores do património natural, imaterial e industrial e, sobretudo o chamado “pequeno património”, disperso pelas diferentes freguesias.

Combater uma certa “iliteracia patrimonial” levando a que as comunidades valorizem e cuidem melhor do seu património individual e coletivo.

Procurar atrair investimento através da divulgação de oportunidades de apoio a diferentes atividades no âmbito da agricultura, indústria e comércio e serviços. Incluindo a requalificação do edificado ou modernização de instalações.

Relativamente à metodologia para alcançar os objetivos anteriormente enunciados, julgamos que no tocante à captação de visitantes a mesma deve ser feita através de um site em 3 idiomas (Português, Inglês e Francês), dotado com ferramentas informáticas potentes em termos da sua eficácia junto dos motores de busca.

Os conteúdos devem ser atrativos em termos de imagem, desenvolvendo informação de qualidade relativamente ao potencial turístico (património, paisagem, gastronomia, equipamentos culturais, áreas de lazer, percursos pedestres) e às possibilidades de alojamento no interior do território.

A rede de parcerias locais deve igualmente ser mencionada no site; o seu estabelecimento só pode ser conseguido através de uma estratégia de aproximação e conhecimento mútuo junto dos potenciais parceiros.

A inventariação patrimonial deve ser realizada em estreita colaboração com as Juntas de Freguesia, através de reconhecimentos no terreno e contactos com pessoas locais com interesse e conhecimento na área do Património. A divulgação destes valores, nomeadamente através do site e redes sociais, será também uma forma de combater a referida “iliteracia patrimonial”.

Quanto à divulgação das oportunidades de negócio e respetivos apoios, sugerimos que a mesma seja feita pelos canais da ADERES, eventualmente também através de uma sessão pública, além naturalmente da apresentação do documento “Estudo Estratégico – Oportunidades de Financiamento” no site do W74 – Terras do Volfrâmio.

Finalmente devemos referir uma série de ameaças e constrangimentos, reais, ou potenciais, que afetam ou podem vir a afetar a qualidade da paisagem, ou a oferta turística do território da ADERES, sendo que as soluções para a maioria deles estão fora das competências e possibilidades da ADERES podendo, no entanto, a instituição levar a sua discussão a outras entidades.

- Excesso de pastoreio de vacas nas áreas do Vale de Alforfa, Covão do Ferro e Penhas da Saúde. Este excesso de animais provoca danos efetivos e visíveis na vegetação e, possivelmente na própria qualidade da água.

- Profusão de acácias. Parece-nos ser o principal problema relativo à flora de características invasivas. A sua presença afeta já bastante as galerias ripícolas do Zêzere, estando também muito disseminada pelas encostas de grandes áreas de características serranas.
- Habitações devolutas. Na totalidade dos núcleos urbanos existem bastantes habitações devolutas, sejam de construção tradicional, sejam moradias maioritariamente construídas por emigrantes e que não as vieram a ocupar. A requalificação deste parque habitacional é uma matéria particularmente complexa. Seria importante fazer o seu inventário, em termos da sua tipologia construtiva, estado de conservação e situação cadastral, dando a conhecer aos seus proprietários mecanismos de apoio à sua recuperação. Não tendo naturalmente as Juntas de Freguesia a capacidade de realizar esta inventariação, podia o mesmo ser promovido por protocolos com Faculdades de Arquitetura no âmbito de trabalhos curriculares.
- Desordenamento florestal. O desordenamento e abandono de uma parte da área florestal do território da ADERES, e os riscos de fogos que o mesmo implica, constituem um fator de ameaça permanente.
- Capacidade de carga de áreas sensíveis. O previsível aumento da visitação poderá gerar alguns impactes ambientais negativos em áreas sensíveis, como sejam os derivados da melhoria da acessibilidade entre as Penhas da Saúde e Cortes do Meio, ou a utilização balnear de alguns cursos de  gua.



Figura 17 – Poços da Ribeira das Cortes.

AUTORIAS E COLABORAÇÕES:

Textos, conteúdos gerais e coordenação: Renato Neves (Mãe d'água)

Estudo Estratégico e oportunidades de financiamento: João Maria Sanguinho

Cartografia: Rui Rufino (Mãe d'água)

AGRADECIMENTOS:

Nuno Lourenço (ADERES)

Juntas de Freguesia do território da ADERES

José Luiz Campos (Museu Mineiro da Barroca Grande)

Joaquim Antunes (Centro Interpretativo da Argemela – ARPAZ)

Beralt Tin & Wolfram Portugal, SA.

Museu de Arqueologia do Fundão

Manuel Franco (YTravel, Lda.)

Roberto Santiago

Luca Fernando (Casa do Bombo)

Cátia Pires (Casa do Barro)

Casa das Tecedeiras

Leonel Barata (Conserveira do Interior)

Carlos Jerónimo (Pinus Verde)

Jorge Sequeira (Museu Geológico – LNEG)

Luís António (Minas da Recheira)

Pedro Castro (Quinta do Mineral)

José Braz (Solar Vicente – Barroca do Zêzere)

FLOEMA – Sinalética e Equipamentos Sustentáveis

Museu Francisco Tavares Proença Júnior

Museu do Trabalho Michel Giacometti (Setúbal)